

João Pedro Marques
**Os Sons do Silêncio:
o Portugal de Oitocentos
e a Abolição
do Tráfico de Escravos**



ICS

Índice

Agradecimentos..... 9

Introdução..... 11

CAPÍTULO I

Portugal e o abolicionismo na viragem para Oitocentos: do alheamento ao comprometimento político..... 29

1. A emergência do abolicionismo: das ideias aos actos..... 30

1.1. Toleracionismo e abolicionismo..... 30

1.2. As primeiras abolições..... 49

2. Portugal, um país alheado..... 55

2.1. Factores de alheamento: censura e displicência..... 57

2.2. A velha ideologia escravista..... 65

2.3. O escravismo actualizado: a teoria do mal menor..... 73

2.4. O toleracionismo e o silêncio..... 79

CAPÍTULO II

Manutenção do tráfico de escravos num contexto abolicionista: do início da pressão inglesa à secessão brasileira..... 91

1. A tenaz britânica..... 95

2. Tempo de cedências: de Viena à convenção de 1817..... 101

3. No terreno das ideias: a defesa do gradualismo..... 113

3.1. Uma história em dois tempos: a contracção..... 116

3.2. Uma história em dois tempos: a distensão..... 127

CAPÍTULO III

Da perda do Brasil às guerras liberais: as primeiras propostas abolicionistas e o regresso do silêncio.....	143
1. Remando contra a maré: os impasses da concertação abolicionista.....	145
2. Rumos do abolicionismo em Portugal.....	155
2.1. A questão abolicionista nas Cortes.....	157
2.2. Persistências e adaptações do toleracionismo.....	164
2.3. Um abolicionismo de inspiração inglesa.....	173
2.4. O inconsistente abolicionismo de retaliação.....	182

CAPÍTULO IV

Projectos e estratagemas: os setembristas e o problema da supressão do tráfico negroiro.....	193
1. Pressões e protelamentos.....	195
2. O equívoco abolicionismo de Setembro.....	203
2.1. Um passo em frente, dois à retaguarda.....	203
2.2. «Embrulhando este negócio».....	214
2.3. Do <i>bill</i> de Palmerston ao tratado de 1842.....	243
3. A opinião pública e a supressão do tráfico de escravos.....	250
3.1. A questão abolicionista na imprensa.....	251
3.2. Manobras parlamentares.....	266
3.3. Seis folhetos e uma nota.....	282

CAPÍTULO V

A honra nacional: Portugal e o combate aos negreiros em meados do século XIX.....	297
1. O fim do tráfico transatlântico: uma vitória da persistência.....	298
2. Portugal e os negreiros.....	311
2.1. No terreno: a costumada convivência e o empenhamento abolicionista..	312
2.2. Na retaguarda: a honra nacional.....	335

CAPÍTULO VI

Impasses coloniais: novos Brasis ou verdadeiras Áfricas?.....	357
1. Imagens de África.....	361
1.1. Novos Brasis.....	362
1.2. O sepulcro do europeu.....	375
1.3. Monumentos da nossa antiga glória.....	387
2. Projectos coloniais gorados.....	399
2.1. Nem capitais	399
2.2. ...nem homens.....	426
3. As questões africanas nas Cortes.....	439

Agradecimentos

Conclusões.....	453
Bibliografia.....	461
Anexos.....	481
Índice remissivo.....	491

Esta obra tem um significado especial.

Na hierarquia dos agradecimentos é usual deixar a família para o fim. Arriscando-me a quebras a equipa, coloco a Paula, o Vasco e a Joana em primeiro lugar pela simpatia que tiveram ao meu trabalho afectivo e, consequentemente, no longo e difícil percurso que é a elaboração de uma tese. Não posso também esquecer Jil R. Dias, que incentivou o meu trabalho desde o início, cobrou a minha biblioteca e o seu saber à minha disposição e me concedeu o tempo e o espaço necessário para aprender e para estabelecer os ritos, rutinas e metas de uma forma verdadeiramente livre.

A atitude pedagógica e humana de Maria de Fátima Bonifácio, disponibilizou e escutou e apoiou alguém que, na altura, lhe era totalmente desconhecido, é uma coisa muito rara e que deve ser realçada. Sem a sua enorme disponibilidade, não as suas observações perspicazes, o meu trabalho seria certamente pior. É ainda mais impossível esquecer se o António Lázaro não me tivesse fornecido uma referência importante sobre Ribeiro dos Santos ou se os meus colegas investigadores no IIC7 me não tivessem constantemente encorajado a prosseguir (em especial o Edúardo Costa Dias, cuja dinâmica é contagiante, e o Manuel Lobo, que, com uma paciência infinita, coloco na sua biblioteca e conhecimento, infinitamente à minha disposição). Devo também agradecer ao Luís Frederico Amores e ao Augusto Nascimento.